

EXPEDIENTE

Le Musée

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos
do Rio Grande do Sul

Ano 6 – Nº 6 – Novembro de 2020

Editor: Moacir P. Molon – MTb 3781

Textos: Susiele Alves Ramos

Supervisão e colaboração: Frei Celso Bordignon, Raquel Brambilla e Susiele Alves Ramos

Fotos: Acervo Museu dos Capuchinhos, *Archives des Capucins de Paris*, Christian de Lima, Edson Smiderle – Schiavo Fotografias, Francine Décio Finato, Liége Zampol, Livia Lira, Marcia Regina Pansera, Moacir P. Molon.

Capa: gravura do livro *Vita del venerabilie servo di Dio F. Bernardo Di Corlione Siciliano – Religioso laico dell'Ordine de'Cappuccini della Prouincia di Palermo*, publicado em Palermo em 1700.

Diagramação: Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento: Editora São Miguel

Tiragem: 500 exemplares

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.

Museu dos Capuchinhos

Diretor: Celso Bordignon

Coordenação: Raquel Brambilla (Museóloga
COREM 3R 0188-I)

Rua General Mallet, 33A – B. Rio Branco
Caxias do Sul/RS - CEP: 98097-000

Telefone: (54) 3220-9565

www.capuchinhos.org.br/muscap

coordenacao@muscap.org.br

Facebook.com/museucapuchinhos

Instagram: @muscaprs

WhatsApp: (54) 99681 7733

Província Sagrado Coração de Jesus - Frades Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ministro Provincial: Frei Nilmar Carlos Gatto

Conselheiros Provinciais: Freis Eudes Ângelo Capellari, Miguel Debiasi, Claudelino Antônio Brustolin e Lori Antônio Vergani

Av. Alexandre Rizzo, 534C – Bairro: Desvio Rizzo
CEP: 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone: (54) 3220-3270

ofmcaprs@ascap.org.br

www.capuchinhosrs.org.br

Agradecimento especial aos apoiadores

Atelier São Lucas, Banca Rio Branco, Dangle
Júlio Marini, Irmãs Missionárias de São Carlos
Borromeo – Scalabrinianas, Ivonne Assunta
Cortelletti, Mari Joana Scherner, Thaise
Marchesini e Vilma de Vargas Marini.

EDITORIAL

20 ANOS DO NOSSO MUSCAP

Le Musée fez sua estreia em 2015, quando o Museu dos Capuchinhos comemorava 15 anos e abraçava a celebração dos 120 anos da presença dos capuchinhos no RS. Em seu nº. 1 lembrava que o nome Le Musée se inspirava na fundação francesa da presença capuchinha em terras gaúchas.

O nº. 6 de Le Musée marca os 20 anos do nosso MusCap. É jovem, sim, mas profundamente comprometido com sua missão de ‘guardar sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições’ da instituição que lhe dá razão de existir; isto é, o ser, o existir, o pensar e o fazer da Província dos Capuchinhos do RS. E assim segue, entendendo-se como processo social, contribuindo na difusão das memórias individuais e coletivas dessa instituição.

Em sua missão de conservar, investigar, interpretar, comunicar e expor já realizou centenas de eventos ao longo de sua história. No atual momento de sua caminhada, para que epidemia alguma o afaste da preciosidade das memórias que tanto empenho teve em preservar, o MusCap segue com esse nº. 6 de Le Musée em versão impressa e digital. Não será o meio que o impedirá de seguir atuando, preservando e, quanto possível, comunicando os projetos e os passos que segue palmilhando como agente cultural.

Le Musée nº 6 vai se juntar aos demais números já editados desde 2015, quando o MusCap completava 15 anos, todos disponibilizados em mídias digitais no site do MusCap. A forma digital certamente levará as propostas do Museu dos Capuchinhos do RS para um número bem maior de destinatários.

Entre os textos em destaque nesta edição, vale dar uma atenção especial à aprofundada análise de frei Vanildo Luiz Zugno sobre a contribuição dos capuchinhos franceses vindos ao Rio Grande do Sul, não apenas na evangelização, mas, também, na estética arquitetônica neogótica das inúmeras igrejas que construíram.

Boa leitura a todos.

*Moacir P. Molon / OFMCap
Editor da Le Musée*

CAPUCHINHOS FRANCESES E O NEOGÓTICO NO RIO GRANDE DO SUL

SERÁ QUE O CÉU É GÓTICO?



Vanildo Luiz Zugno

Frade Menor Capuchinho da Província do Rio Grande do Sul. Doutor em Teologia. Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana de Porto Alegre.

Evangelho e culturas

O cristianismo é religião de inculcação. O centro da fé cristã é a afirmação de que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Na dinâmica do próprio Filho de Deus, a Igreja, no processo de anunciar e tornar real a Boa Nova do Reino de Deus, segue os passos de seu fundador e modelo, Jesus Cristo, encarnando-se nas diferentes culturas.

É o que chamamos inculcação da fé, assim definida pelo Papa João Paulo II: “a encarnação do Evangelho nas culturas autóctones e, ao mesmo tempo, a introdução dessas culturas na vida da Igreja” (SA, 25).

A temática da inculcação, na teologia católica moderna, nasce do desejo do Concílio Vaticano II de colocar a Igreja em diálogo com o mundo e as diferentes culturas. Concretamente, a *Gaudium et Spes*, ao afirmar que “a Igreja não está ligada, por força da sua missão e natureza, a nenhuma forma particular de cultura” (GS 42), lança o desafio da reformulação do cristianismo no diálogo com as diferentes culturas locais. O tema foi tratado de

forma consistente e com muitas controvérsias no Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985 e, na América Latina, tornou-se tema central da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Santo Domingo, no ano de 1992 (CELAM, 1992).

Recentemente, voltou à pauta com a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco quando afirma a “necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculcar o Evangelho” (EG 69).

Na teologia católica pós-Vaticano II, a inculcação foi pensada principalmente em torno dos temas da Liturgia, Catequese e Missiologia. Poucos são os estudos que aprofundaram a reflexão em torno à relação entre culturas e fé em outros âmbitos da vida cristã. (ECO; MARTINS FILHO, 2016).

Tal aprofundamento é importante porque, segundo Hoornaert,

o cristianismo europeu não soube dialogar com os valores culturais aqui existentes e continuou importando tudo, durante séculos: sacerdotes, religiosos e religiosas, métodos pastorais, o calendário e até a arquitetura de suas igrejas. Parecia que nada proveniente da América possuía valor. E hoje, após quinhentos anos, é realmente difícil descobrir esses valores, pois os anos e os séculos criaram vícios já enraizados de importação de tudo e desvalorização das coisas nativas. (1994, p. 8).

Na Primeira Evangelização, o “rolo compressor” das culturas europeias, em nome do cristianismo, levou a uma negação e aniquilação das culturas locais. Para ser cristão, era necessário tornar-se culturalmente europeu: falar a língua dos europeus, vestir a roupa dos europeus, rezar como um europeu... Baseada no modelo da “redução”, a Primeira Evangelização

teve como objetivo o desenraizamento cultural dos povos nativos. Tendo como práticas a doutrinação através da catequese, da mudança dos costumes e da sacramentalização, o resultado foi, no dizer de Azzi, muito superficial e se limitou a uma assimilação de símbolos exteriores do catolicismo enquanto que, no profundo da experiência religiosa indígena, permaneceram as referências à fé ancestral. (AZZI, 1988, p. 89-105). Processo semelhante foi realizado em relação aos milhões de africanos que para cá foram trazidos na dinâmica da economia escravagista. Para ser católico, era obrigatório deixar de ser africano.

Na Segunda Evangelização, também chamada “reforma romanizante” da Igreja Católica, acontecida na segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, um novo processo de imposição cultural aconteceu no catolicismo brasileiro. Se, na primeira evangelização, a cultura imposta foi a do barroco ibérico, agora a que se impõe é a associada ao catolicismo romano, e por consequência, à cultura romana. (AZZI, 1992; ZUGNO, 2017, p. 37-59). O ultramontanismo, tanto nos aspectos teológicos como no eclesiológico e cultural, passou a constituir o parâmetro da identidade católica.

Elemento fundamental da reforma romanizante foi a negação de tudo o que era moderno. O *Syllabus Errorum* de Pio IX (1864) e o Concílio Vaticano I (1869-1870) são a expressão forte desse percurso que culminou com o Juramento Anti-Modernista tornado obrigatório, em 1910, pelo Papa Pio X, a todos os candidatos ao sacerdócio.

Nessa dinâmica, como alternativo ao moderno, ressurge o medieval como modelo ideal a ser revivido. O Romantismo, enquanto movimento cultural amplo, é expressão do desejo de retorno a esse passado ideal. Segundo Carpeaux (1985), o Romantismo nasceu na Alemanha por volta de 1800, de lá deslocou-se para a Inglaterra e, duas décadas depois, em meio à Restauração, implantou-se solidamente na França. No bojo desta reconstrução idealizada do passado, no campo da arquitetura, emergiu na Inglaterra, com Augustus Welby Pugin (1812-1852), o “revivalismo gótico” ou “neogótico” que, dadas as circunstâncias políticas e eclesiásias, encontrou na França e na Itália um lugar fértil para expressar-se na restauração das catedrais medievais e na construção de novas igrejas. Para os católicos, elas representavam, nas suas torres apontadas para o céu, a ponta de lança de renovação católica, o espírito nacional e o poder monárquico tanto do Papa como dos imperadores católicos, vencedores sobre a modernidade. (CORREIA; PEREIRA, 2011, p. 3).

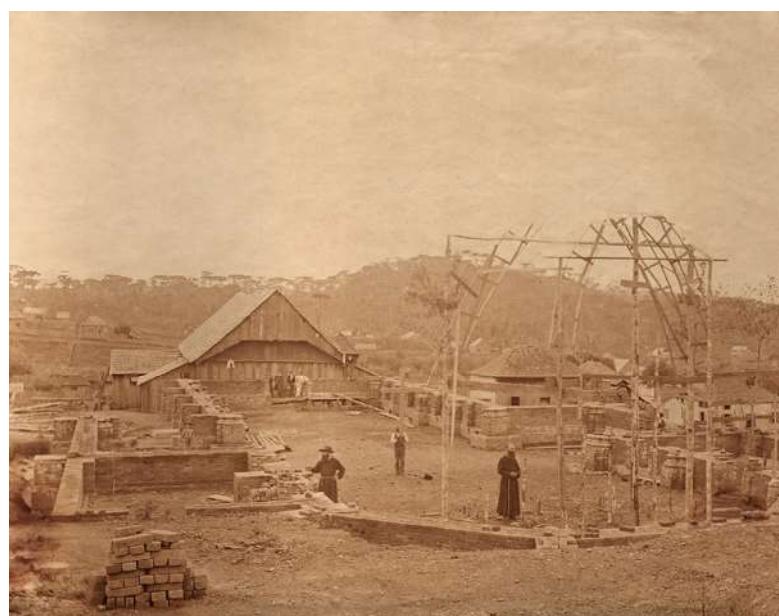
Romanização e neogótico no Brasil

No Brasil, o neogótico aportou com a família real portuguesa em 1808 no âmbito do designado Ecletismo. Iniciando pelo Rio de Janeiro, elementos do neogótico foram incrustados nos diversos projetos de renovação das principais cidades do Império (DIAS, 2008).

Na arquitetura religiosa, ele teve suas primeiras manifestações no momento em que a reforma romanizante começou a estruturar-se no Brasil. A posse, em 1844, de Dom Antônio Ferreira Viçoso na Diocese de Mariana, foi o marco inicial da transição do catolicismo brasileiro ao catolicismo tridentino (AZZI, 1992, p. 32). Visando a formação de um novo clero que pudesse liderar a adequação do povo católico brasileiro às normas preconizadas pelo catolicismo romano, Dom Viçoso construiu, na Serra do Caraça, o Seminário Maior de Mariana. No complexo ali administrado pelos lazarias, foi construído, entre os anos de 1876 e 1873, em estilo neogótico, o Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens. (PEREIRA; CARRIERI, 2005, p. 39; PRIMÓRDIOS..., 2020).

Na medida em que o projeto de reforma romanizante avançava, novas igrejas no estilo neogótico foram construídas. Assim como a renovação da Igreja, as construções têm entre seus principais impulsionadores os lazarias, jesuítas, capuchinhos

Construção da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha/RS



nhos e carmelitas. Seus conventos e suas paróquias apresentam, em sua grande maioria características da arquitetura neogótica.

Em muitos lugares, as antigas igrejas construídas em estilo colonial foram demolidas e, sobre seus restos, construídos templos no novo estilo. As razões para tal transformação eram tanto estéticas como religiosas. No religioso, os novos templos representavam, no Brasil, a superação do regime de cristandade pelo qual a Igreja estava submetida ao Estado. Vale lembrar que, pelo Regime de Padroado, até a Constituição Republicana de 1891, a Igreja Católica estava sob a jurisdição do Ministério da Justiça. Os recursos para a construção e a manutenção das igrejas provinham do Estado. Livrar-se das antigas Igrejas barrocas e substituí-las por novos templos góticos era um modo simbólico de proclamar a autonomia da Igreja em relação ao Estado.

No que tange ao estético, o gótico, com sua leveza vertical, era considerado como mais adequado para conduzir as almas a Deus. Além disso, havia o “horror à escravidão” com cuja mão de obra haviam sido construídas as igrejas coloniais. Livrar-se delas, era um modo de apagar um passado cuja memória atormentava tanto a sociedade como a Igreja. (DIAS, 2008, p. 107-108).

O neogótico no Rio Grande do Sul

É lugar comum associar a emergência do neogótico com o movimento migratório europeu do séc. XIX (MAIOLINO, 2007). Tal afirmação não se sustenta em fatos históricos. A imigração germânica iniciou em 1824. No entanto, templos católicos no estilo neogótico só começaram a ser construídos no final da década de 1850.¹

Nas comunidades de imigração italiana, o mais antigo vestígio de uma construção com algum elemento do gótico, é a de Santa Tereza de Caxias do Sul, iniciada em 1893 sob a direção do padre paulino João Batista Argenta, e concluída apenas em 1918. As primeiras capelas construídas nas colônias velhas – Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi – eram todas em estilo românico (MAZZOTTI, 2012).

Três fatores explicam a não vinculação entre imigração e neogótico. O primeiro é o cultural. A tendência, nas comunidades de imigrantes, era a

Livrarse das antigas igrejas barrocas e substituí-las por templos góticos era um modo simbólico de proclamar a autonomia da Igreja em relação ao Estado

da reprodução dos elementos culturais de suas localidades de origem (AZZI, 1984, p. 90-92). As múltiplas capelas românicas construídas pelos imigrantes nas Colônias Velhas atestam este transplante estético.

O segundo elemento, é a vigência do Padroado. Neste regime de relações entre a Igreja e o Estado, cabia ao poder público a construção e a manutenção dos templos. O planejamento das construções era responsabilidade de funcionários públicos ou engenheiros contratados para tal fim. Habitados ao estilo colonial, reproduziam-no naturalmente.

O terceiro fator é a evolução da romanização no Rio Grande do Sul. Os jesuítas, pilar fundamental do processo, retornaram a Porto Alegre em 1842. Na década seguinte, após a criação da diocese, consolidaram sua presença nas paróquias na Região de Colonização Alemã. Em São Leopoldo, o templo de Nossa Senhora da Conceição foi o primeiro com elementos neogótico na Província. Em 1859 foi inaugurada a

¹A legislação imperial impedia às comunidades evangélicas presentes na região construir templos com aparência externa de Igreja. Templos luteranos no estilo neogótico começaram a ser construídos depois da Proclamação da República. No Rio Grande do Sul, entre os primeiros estão o da Igreja da Ascensão em Novo Hamburgo (1898), a Igreja de Cristo, conhecida como “Igreja do Relógio”, em São Leopoldo (1907-1911), a Igreja da Paz, no Bairro Navegantes, em Porto Alegre (1916), a Igreja Martinho Lutero, em Cachoeira do Sul (1931). O templo da primeira paróquia episcopal anglicana no Rio Grande do Sul, a Paróquia do Calvário, em Nova Santa Rita (1898) e a Igreja da Santíssima Trindade da Igreja Episcopal Anglicana (1903), também foram construídas no estilo. A Igreja Metodista construiu seu templo em Porto Alegre em estilo neogótico no ano de 1914.

nova igreja. Cinco anos depois, ela foi parcialmente demolida e sua estrutura reaproveitada para dar lugar ao novo templo no estilo gótico. A obra foi dirigida pelo engenheiro alemão Johann Grünnewald (1832-1910) (IBGE, 2020).

Entre 1868 e 1880, foi a vez da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, também dirigida por jesuítas, construir seu templo neogótico (IPATRIMÔNIO, 2020). De todas as construções neogóticas impulsionadas pelos jesuítas na região, a mais fiel ao estilo é a de Bom Princípio. Iniciado em 1870, o prédio foi consagrado por Dom Cláudio Ponce de Leão em 1898.

Em todas elas e em outras que, em toda a região, surgem apontando suas torres para o céu, dois fatores são comuns: a construção é comandada por jesuítas e os recursos não provêm do Governo, mas da contribuição da comunidades locais. Em sua estética elas indicam a nova direção da Igreja católica: voltada para Roma e longe do poder público.²

Com a chegada de padres palotinos (1886), capuchinhos (1896), maristas (1897), Irmãs de São José (1898), carlistas (1896), camaldulenses (1905), lassalistas (1906) e outras congregações, o processo de romanização se consolida e, com ele, a arquitetura religiosa neogótica se torna predominante no Rio Grande do Sul, mesmo nas regiões não tipicamente de migração.³

O neogótico capuchinho

Os capuchinhos franceses, oriundos da região da Saboia, chegaram ao Rio Grande do Sul no último dia de 1895. Em janeiro de 1896 instalaram-se em Garibaldi e passaram a pregar missões populares na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra.

Sua vinda ao Brasil foi consequência do conflito entre a Igreja Católica e o Estado francês. No enfrentamento com a República, a Igreja francesa encontrava força no ultramontanismo e na teologia antimodernista. Os frades savoiardos, que haviam sofrido na própria carne a perseguição do Estado francês, trouxeram ao Brasil a herança antimodernista que, esteticamente, se expressava na arquitetura neogótica (ZUGNO, 2017).

Mesmo sem ter formação específica par tal, três frades franceses projetaram e dirigiram a construção de várias igrejas, todas em estilo neogótico. Frei Robert d'Apprieu desenhou a Igreja São Luís Gonzaga de Veranópolis, a Nossa Senhora de Oliveira de Vacaria (1912)⁴ e executou a de Flores da Cunha sobre um projeto de um arquiteto francês (D'APREMONT, 1976, p. 39).

Frei Louis de La Vernaz, sobre o projeto de Frei Robert d'Apprieu, executou a construção da Matriz São Luís Gonzaga (1909-1919) e da Capela São João Batista de Lajeadinho (1910) em Veranópolis. Frei Ephrém de Bellevaux projetou a Igreja São João Batista de Sananduva (1915)⁵ e a Igreja Nossa Senhora de Lourdes de Cacique Doble (1931)⁶. A capela do Colégio Sévigné (1938), em Porto Alegre, e a do Mosteiro das Irmãs de São José em Garibaldi (1929), bem como o altar da capela da Casa Mãe das Irmãs de Nossa Senhora Aparecida (1934), em Porto Alegre, também são obra de Frei Éphrem. A Igreja Matriz São Pedro de Garibaldi foi construída entre os anos de 1921 e 1924 sob a direção de Frei Bruno de Gillonnay a partir de um projeto enviado da França.

Detemo-nos neste trabalho nas duas primeiras igrejas neogóticas construídas pelos capuchinhos franceses. Nos documentos relativos a elas percebe-se a ligação entre os projetos arquitetônicos e a transformação eclesial então em curso no Estado.

Igreja Nossa Senhora de Lourdes de Flores da Cunha

Os imigrantes tiroleses estabeleceram-se em Flores da Cunha, então chamada de Nova Trento, no ano de 1879. Em maio de 1897, Frei Bruno de Gillonnay e Frei León de Monstsapey pregaram missões no local. O pároco, Pe. Antônio Finotti, solicitou que os frades ali abrissem um convento. Em

²Na região de colonização alemã e sob a direção dos jesuítas, o neogótico chegou a seu ápice com a Igreja Nossa Senhora da Glória em Sinimbu (1927); São João Batista de Santa Cruz do Sul (1928-1977) e São Sebastião Mártir, em Venâncio Aires (1927-1952).

³Veja-se, p. ex., as Paróquias Nossa Senhora do Carmo em Rio Grande e Uruguaiana construídas pelos carmelitas e da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, construída pelos salesianos, em Bagé.

⁴A obra só foi concluída na década de 1950.

⁵Antes de ser construída a Igreja projetada por Frei Éphrem, havia no local uma igreja “[...] de magnífico aspecto, de elegante estilo gótico, pintada interna e externamente, não tendo nada a invejar em beleza a muitas outras Igrejas de alvenaria” (Cônego João Peres, apud BAREA, 1995, p. 54-55). Possivelmente essa primeira igreja foi construída sob a direção de Frei Léonard de Chambéry, primeiro capelão da localidade. O prédio projetado por Frei Éphrem foi demolido em 1956 para dar lugar a uma nova construção.

⁶A Igreja em madeira foi demolida em 1980 para dar lugar a uma nova construção, também neogótica.

8 de dezembro de 1897 foi benta a primeira pedra da modesta capela do futuro noviciado capuchinho (GILLONNAY, 1921C, p. 161-162).

Juntamente com a formação do noviciado, os mestres auxiliavam o Pe. Finotti na sede do curato e pregavam missões nas capelas do interior e paróquias vizinhas. Em 1900, Pe. Finotti regressou para o Tirol e Pe. Ângelo Donato assumiu a paróquia. Os capuchinhos continuaram como auxiliares até que, em 1903, a pedido do bispo, receberam a provisão para administrar o curato.

Frei Theophile de Villards-sur-Thônes foi o primeiro capelão. Ali permaneceu de 1903 a 1906, período em que foi iniciada a construção da Matriz. Sucederam-no os Freis Raymond de Vovray (1906-1912), Dominique d'Entremont (1912-1914) e Gerald de Gruffy (1914-1920). Em 1913, a paróquia contava com uma população de 4.500 habitantes (MONTSAPEY, 1913).

Ao assumir a paróquia, os capuchinhos puseram-se a construir um novo templo. O desejo estava associado às festas do Cinquentenário do Dogma da Imaculada Conceição proclamado pelo Papa Pio IX em 1854. Tal afirmação dogmática era símbolo do antimodernismo católico e ganhara representação popular nas aparições de Nossa Senhora em Lourdes, no ano de 1958.

Frei Robert D'Apprieu assim explica o projeto:

É preciso saber que a paróquia de Nova Trento acabava de nos ser confiada, com o encargo de construir uma nova igreja. Nós a queríamos magnífica, pois ela deveria permanecer como lembrança do cinquentenário da Imaculada Conceição e monumento eterno de nossa filial devoção a Maria Imaculada. Quem não viveu estes anos de entusiasmo não pode fazer uma ideia do que isso significava. Quantos estudos, quantos projetos, antes de chegar a um projeto definitivo! (D'APPRIEU, 1923).⁷

A construção, no entanto, não era unanimidade. Ao projeto se opunham o superior dos capuchinhos, o bispo e a população local. Frei Bruno de Gillonnay temia os custos e que os frades contraíssem dívidas para a missão. Dom Cláudio Gonçalves Ponce de Leão não queria uma igreja tão grande por medo de que, nas celebrações ordinárias, parecesse vazia. E também não aceitava a troca de padroeiro como propunham os frades. Assim narra Frei Robert o

modo como a oposição do bispo foi resolvida:

Tendo o bispo, Dom Cláudio, chegado em nova Trento no dia 2 de dezembro de 1904 para a visita pastoral, Frei Roberto apresentou-lhe os planos da nova construção e o desejo que o titular fosse Maria Imaculada. O bispo aprovou os planos, mas exigiu que a torre ficasse afastada da igreja e que se mantivesse São Pedro como padroeiro do templo. Os frades, no entanto, já haviam feito gravar na pedra inaugural a dedicação a Nossa Senhora de Lourdes. Na véspera da bênção, diante do fato consumado, o bispo aceitou a troca do padroeiro. (D'APPRIEU, s.d.).

De parte da população, a oposição provinha tanto dos custos como do estilo arquitetônico proposto pelos frades. Segundo frei Bruno, “quando nossos padres tomaram a direção da paróquia, havia apenas uma construção feita de pranchas de madeira, uma espécie de galpão que servia para o ofício divino desde o início da imigração” (GILLONNAY, 1921E). A diferença entre o desejo dos frades e o da Comissão constituída para a construção é descrita por frei Robert: “A comissão queria se contentar com uma sala qualquer, comprida, plana, sem estilo. Nós, de nossa parte, nós queríamos uma magnífica igreja gótica, aérea, luminosa, inspiradora do recolhimento, da oração e da fé” (D'APPRIEU, 1923).

Frei Louis de La Vernaz, que também residia em Flores da Cunha, era o grande entusiasta pelo gótico em honra à Imaculada Conceição:

Pe. Louis, cuja alma de artista vibrava intensamente com as belezas da natureza, tomado pelo maravilhoso estilo gótico. Ele dominava profundamente a Archeologie religieuse de Enlart e aquela de Mallat. As dimensões, os detalhes de nossas velhas catedrais estavam gravados na sua memória fiel. Ele queria que também nas nossas florestas virgens a matéria se elevasse em linhas triunfantes para a glória de Maria. (D'APPRIEU, 123, p. 89).

Em carta a Frei Robert, assim ele expressa como compreendia a relação entre a experiência de fé e a arte:

Ah! Querido Padre Robert, quando eu falo da igreja, eu me sinto um poeta: os versos saltam do meu

⁷O texto traz como assinatura apenas a letra “J.”. Trata-se, tudo indica, da autoria de Frei Robert D'Apprieu.

tinteiro. É tão bonito amar e servir a Deus quando a arte tudo anima, quando a ogiva se lança, quando a pedra fala e geme. Doce e puro ideal o daquele que sacrifica ao pensamento divino os elementos desta terra, que se livra do invólucro mortal para tremer como os astros da manhã na presença do Altíssimo (LA VERNAZ, 1903).

Na época em que elaborava o projeto da igreja, Frei Louis, durante uma missão na localidade de Caravaggio, observa a igreja ali construída e projeta, em forma de poesia, o novo templo de Flores da Cunha:

Eu me coloquei sobre o degrau do altar e imaginei uma nave com dez metros a mais, quatro ou cinco metros mais alta, com uma distância um pouco maior entre os muros, com pilares em colunetas, ogivas, janelas geminadas, rosáceas, um transepto elegante, e tive uma visão, algo como uma aparição de floresta virgem:

*O relevo elegante dos arcos e dos pilares
Parecia meu sonho um bosque de palmeiras
Em contornos suaves unindo seus ramos:
Nesta aléia elegante entravam como um mistério
As luzes do oriente através dos vitrais:
Dir-se-ia que os céus desciam sobre a terra.
Que doce harmonia para meu coração apaixonado
Eu não vivo que por ti, belo templo coroado
Desde a auréola graciosa da ogiva em oração
Eu te vejo desenhado em finos pináculos
No áspero traço da madeira e te lançar altivo
Como um desafio sagrado que aos céus nos lançamos!* (LA VERNAZ, 1903).

Na mesma carta, ele faz uma poesia comparando o estilo da igreja de Caravaggio, inspirada no renascimento, e a que ele projeta, no estilo gótico, para Nova Trento. Sobre a igreja de Caravaggio ele diz:

*Meu coração se sentia mal sob seu teto dobrado
No seu piso luzente a esperança não está ancorada
Seus pilares são de gelo e seus muros sem mistério:
As lágrimas não falam sob seus pesados arcos
Os céus desapareceram nas suas grosseiras cortinas
E nela o coração do fiel é constrangido a se calar.
Sobre o gótico, em contraste, ele diz:
Leve como um suspiro, ardente como um adeus,
Afiado como um traço que voa ao coração de Deus
Belo templo, diga-me! Para treinar suas asas
E em direção ao Gólgota dirigir seu desejo,*



Interior da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha/RS

*Para degustar os prazeres sobre humanos do Tabor
Minha alma em teus muros vem buscar seu modelo.*

E, encerrando a comparação entre os dois estilos:

*É preciso que em nossas florestas a festa seja feita
Que todos venham admirar uma igreja perfeita
E publicar, aos gritos, que apenas Nova Trento
Cuspiu na cara do Renscimento!*

O entusiasmo de Frei Louis pelo gótico era tanto que, em carta a Frei Robert D'Apprieu, assim se expressa em relação a ele: "Olhemos mais alto, querido Padre, e peçamos a Deus de ali nos reunir com ele um dia; isso será para sempre! E que detalhes esplêndidos neste palácio eterno! Será que o céu é gótico?" (Apud D'APPRIEU, 1923, p. 89).

Para finalizar o projeto, os frades buscaram a ajuda do arquiteto Victor Dénarié, de Chambéry. Ele enviou um plano completo de uma igreja ogival, com contrafortes, feixes de colunetas e grandes janelas ogivais. Frei Robert e Frei Louis o adaptaram aos recursos e materiais locais (GILLONNAY, 1921E).

Sob a pedra fundamental que foi lançada na presença do bispo, em 4 de dezembro de 1903, sob o pilar do transepto, foi enterrada uma garrafa contendo um texto com os dados da construção.

Os trabalhos arrancaram no início de 1904. Frei Théophile de Villards-sur-Thônes era o pároco.

Coube a Frei Robert a elaboração do projeto e a direção da construção, numa combinação jocosamente descrita por ele: “Foi assim que eu elaborei os planos e dirigi a construção da igreja de Nova Trento desde a primeira pedra até o cume da cobertura. Os colonos diziam: “O Pe. Teófilo consegue o dinheiro, o Pe. Roberto o gasta!” (D'APPRIEU, 1965, p. 1).

O dia a dia da construção foi registrado por Frei Robert em um caderno que se encontra preservado no “Archive des Capucins”, em Paris. Nele estão registrados os materiais utilizados, os custos, doações, o trabalho da Comissão de Construção e os percalços e soluções acontecidos e resolvidos no decorrer das obras (D'APPRIEU, [s.d.])

No início de 1904, Frei Louis foi designado para a Paróquia de Veranópolis. Enquanto o projeto de Flores da Cunha ganhava contornos definitivos, frei Robert mantinha-o a par do avanço das obras e este, desde Alfredo Chaves, enviava sugestões técnicas e estéticas.⁸ Em carta a Frei Robert, ele assim descreve sua ligação com a obra: “Tenho nos meus pensamentos apenas papéis para desenhar, planos, janelas, rosáceas, colunetas, cornijas, bantentes, ladrilhos, vitrais, arcos-dobrados, ecos, cipóteis.” (Apud D'APPRIEU, 1923, p. 90).

Em relação à oposição da Comissão ao estilo gótico, assim se expressa Frei Louis: “Se eles continuam a nos incomodar [...] deveríamos deixá-los à intempérie de seus humores, e oferecer-lhes o grosseiro *toscano*, do grosseiro *mezza-luna*. Eles não merecem a sublimidade do gótico” (Apud D'APPRIEU, 1923, p. 118).

Passados os percalços iniciais, a obra entusiasmou a comunidade capuchinha e os paroquianos. Frei Emmanuel de Chambéry, mestre de noviços, descreve o andamento da obra:

Começaram os trabalhos da nova igreja. Nossos jovens artistas não querem nada menos que uma igreja ogival, como se deve. Isto será maravilhoso. Todas as colônias italianas serão eclipsadas. As multidões afluirão. Nossa Senhora de Lourdes, a quem é consagrado o novo templo, já prepara seus mais belos milagres. E a música que tudo enche! Agora mesmo, um harmônio vindo do fim da Europa chega, em meio a dificuldades, mas com imensa glória, à pequena cidade de Nova Trento. Então, belos sinos, bela igreja, bela música, belo harmônio. Estamos no céu! (CHAMBÉRY, 1904).

“Olhemos mais alto, querido Padre, e peçamos a Deus de ali nos reunir com ele um dia; isso será para sempre! E que detalhes esplêndidos neste palácio eterno! Será que o céu é gótico?”

Os vitrais para as janelas foram trazidos de Paris (VILLARDS-SUR-THONE, 1904). Três anos e meio após o início, o grosso da obra e o telhado estavam concluídos. Nessa época começou-se a celebrar regularmente a liturgia no local: não havia janelas, nem teto, nem assoalho. Os trabalhos de acabamento e ornamentação duraram até 1914 (GILLONNAY, 1912E).

Dom João Pimenta, bispo auxiliar de Porto Alegre, na ata da visita pastoral de fevereiro de 1911, registra a sua admiração pela obra em fase de finalização:

Impressionou-nos desde logo e de modo verdadeiramente surpreendente a majestosa igreja que está sendo construída para Matriz do curato e da futura paróquia de Nova Trento, e o harmonioso concerto de seus cinco sinos, um dos quais com o peso de mais de mil e duzentos quilos. A igreja, de puro estilo gótico, de quarenta metros de comprimento sobre quinze de altura nas grandes laterais e vinte na frente, e com largura rigorosamente proporcionada: a igreja, com suas majestosas e belas janelas ogivais artisticamente envidraçadas; com suas esbeltas colunas demandando as alturas e com sua imponente [?] e carinhosa estátua da padroeira, N. Senhora da Conceição de Lourdes, sobre o altar-mor, excita sentimentos de admiração, de fé e de piedade (Apud PARÓQUIA N. Sra. de Lourdes, 1911).

⁸Durante os anos de 1904 e 1905, os freis Robert e Louis mantiveram intensa correspondência onde o tema principal era a construção de Nova Trento. Frei Louis enviava sugestões com detalhes técnicos e artísticos para a obra, sempre acompanhados com desenhos. Entre outras, podem ser citadas as correspondências de 31 de julho, 2 de setembro e 16 de outubro de 1904 e de 1 de junho de 1905; 27 de julho de 1905; 28 de julho de 1905; 9 de agosto de 1905 (Archive des Capucins/8P/1896-1905/1905; 29 de maio de 1906; Archive des Capucins/8P/1906-1909/1906).



Antiga igreja em estilo colonial, Veranópolis/RS

Para comemorar o feito, um frade francês, sob o pseudônimo de José da Silva, publicou um texto no *Il coloni italiano*, exaltando a construção recém concluída:

De fato, quem não viu as harmoniosas proporções da nossa igreja, a sua forma simbólica, as suas delgadas colunas sustentando com facilidade os arcos aéreos; quem não viu as mágicas e multicoloridas janelas com seus místicos desenhos; quem não viu os encantadores lampanários pendentes do alto dos arcos dourados, não pode ter uma ideia adequada do mistério, do recolhimento, enfim, da sublime concepção da arte cristã medieval... E quando ela estiver concluída!! Por enquanto, deixem-se guiar pelos nossos frades (que demonstram a ignorância clerical com obras como a igreja), continuai as gloriosas tradições de arte e de fé, da qual a Itália é mãe e mestra. Por isso, permitai, ó trentinos, que eu indique o vosso nome e a vossa igreja a todos os que são amantes e conhecedores do belo. (SILVA, 1914, p. 2)

Frei Bernardin D'Aprenmont que, desde Porto Alegre, acompanhara todo o processo de construção, em seu relatório ao Ministro Geral, assim descreve a Igreja Nossa Senhora de Lourdes de Nova Trento:

A igreja de Nova Tento é, indiscutivelmente, a mais bela das colônias italianas e, talvez, de todo o sul do Brasil. [...] Ela é uma joia de arquitetura muito rara. Existem maiores, por exemplo a de Caxias, mas por seu valor artístico não teme rival na região. [...] O edifício é de puro estilo gótico. É dedicada à Imaculada Conceição. Iniciada no ano do cinquentenário da proclamação do Dogma do grande privilégio de Maria, se abria ao culto no cinquentenário das Aparições de Lourdes. (D'APREMONT, 1976, p. 157).

A teologia da romanização, simbolizada no Dogma da Imaculada e Conceição e nas aparições de Lourdes, se expressa através do estilo gótico.

Igreja São Luiz Gonzaga de Veranópolis

A colonização de Veranópolis iniciou em 1886 com imigrantes vênetos, alemães e poloneses. Em 1886 o governo imperial nomeou para o curato o Pe. Matteo Pasquali e mandou construir uma igreja de alvenaria, em estilo colonial, com torre e sinos, que ficou concluída em 1887 (PAROQUIA São Luiz..., 1896-1934, p. 1-1B).

No ano de 1898, Frei Bruno de Gillonnay e Frei Edmond de Nâves ali pregaram missões com grande êxito. Em 1903, a pedido do pároco, Frei Alfred de Saint Jean d'Arves e Frei Léonard de Chambéry passaram a residir em Veranópolis como capelões paroquiais. No mesmo ano os jovens candidatos à vida capuchinha foram transferidos de Garibaldi para a localidade. Com eles vieram os frades formadores e a presença capuchinha se consolidou na cidade.

Em 1904 o bispo solicitou que os frades assumissem a paróquia. Frei Fidèle de La Motte-Servolex foi nomeado pároco e Frei Louis de La Vernaz, transferido de Flores da Cunha, assumiu como vigário. Em 1906, em cumprimento a uma promessa feita por ocasião da invasão de gafanhotos que



assolou a região, foi construída, em estilo neogótico, próximo ao convento, a primeira gruta em homenagem à Virgem dos Pirineus (LA VERNAZ, 1979, p. 191). A capela do convento, também foi construída em estilo gótico (GILLONNAY, 1921F, p. 188). De 1906 a 1920 a paróquia foi dirigida por Frei Louis. Em 1913, a população de Veranópolis era de entre sete a oito mil habitantes (MONTSAPEY, 1913).

No ano de 1909, Frei Louis iniciou os preparativos para a construção de um novo prédio para a Igreja Matriz. Segundo ele, o antigo prédio, construído pelo governo imperial, não era adequado para as celebrações litúrgicas:

Nos dias de grande concorrência o povo não cabia na igreja; - ao redor, na altura de três metros, reina-va um corredor-tribuna, estabelecido com o fim de multiplicar a capacidade do edifício, mas, com este sistema, a matriz, além de ficar sufocante por falta de ventilação, tornava-se um verdadeiro teatro, ocasio-nando assim inumeráveis inconvenientes morais. Em consequência do calor e porque não havia recolhimento, muitos saiam da igreja durante a missa; e finalmente, interna e externamente o edifício n era mais digno do progresso e embelezamento da vila, nem representava com suficiente decoro a Religião (PARÓQUIA São Luiz..., 1896-1934, p. 26B).

Frei Bernardin D'Aprenmont, atribuía o inadequado do prédio ao estilo arquitetônico: "...era de um estilo (se é que se pode chamar estilo) totalmente contrário a todas as variedades de estilo religioso. Era uma grande sala retangular com galerias ao redor" (D'APREMONT, 1976, p. 154).

A outra dificuldade vinha dos habitantes da cidade que não sentiam necessidade de tal obra:

Contra a reconstrução obstavam-se ao vigário grandes dificuldades: o povo desacostumara-se de ajudar sua matriz. A multiplicidade das capelas ru-rais e os gastos delas se [?] dos colonos; a oposição oculta dos moradores da vila que não compreendiam os motivos morais, pouca simpatia tinham com o vigário e os frades, e até diziam, na sua má vontade: para nós basta o edifício atual, etc... (PA-RÓQUIA São Luiz..., 1896-1934, p. 26B-27).

Frei Louis não se deu por vencido. Afrontando as dificuldades, seguiu no projeto da construção em estilo gótico:

O Pe. Luiz, certo que a glória de Deus e bem das almas o exigia, empreendeu este trabalho com toda confiança. Pediu ao governo estadual o terreno necessário na praça, lavrou, com os conselhos de um colega, o p. Robert [d'Apprieu] uma planta artística de puro estilo gótico, e foi solicitando, de vagarzinho, as esmolas dos paroquianos de fora [da cidade], certo de que as oposições dos da vila haviam pouco a pouco de cessar (PARÓQUIA São Luiz..., 1896-1934, p. 27).

Outro inesperado escolho atrasaria as obras. No ano de 1911 iniciou nas colônias italianas um intenso movimento em favor do cooperativismo. A iniciativa foi do governo do Estado. Para a propaganda pró-cooperativismo, o governo contratou o advogado italiano Stefano Paternó. Ele percorria as colônias tentando convencer os agricultores a formar cooperativas. Muitas foram formadas e os colonos investiram nelas seus recursos (GOBATTO, 1925, p. 193-242). A maioria delas foi rapidamente à falência e, junto com elas, as economias dos colonos (D'APREMONT, 1976, p. 194; PARÓQUIA São Luiz..., 1896-1934, p. 32).

As obras só foram retomadas com vigor no ano de 1913. Além da ajuda dos colonos que voltou a fluir, foi solucionado o problema de como aproveitar os fundamentos e as paredes da antiga igreja para a nova construção. Mais uma vez, jogou aqui a parceria entre frei Louis e frei Robert d'Apprieu.

Em 1913, convocado pelo Exército francês que se preparava para a guerra que eclodiria no ano seguinte, Frei Robert que, em companhia de Frei Bernardin D'Apremont e outros dois frades franceses esperava o navio para a Europa, encontrou a solução técnica para a construção. O fato é assim descrito por Frei Bernardin:

Lembro-me que a 17 de junho de 1913, numa excursão nos arredores de Copacabana, Rio de Janeiro, o Pe. Roberto, ex-superior de nossa missão do Rio Grande do Sul e arquiteto da Igreja de Nova Trento, havia fornecido plantas ao Pe. Luiz. Ambos estávamos a caminho de regresso à Europa. Mas como estava dizendo, nesta excursão, fomos caminhando e sem saber, chegamos perto de uma igreja em construção. Era uma antiga capela, transformada agora em igreja paroquial. Que agradável surpresa para nós! Uma verdadeira joia de arquitetura gótica, romana e bizantina, o todo harmoniosamente fundido. O Pe. Roberto lembrou que as dimensões eram mais ou menos as desejadas em Alfredo Chaves

pelo Pe. Luiz. Fez um croqui e o enviou ao seu confrade, que soube tirar ótimo proveito. Entre os dois templos há muita semelhança (D'APREMONT, 1976, p. 154-155).

Em seu Diário, Frei Bernardin dá detalhes da igreja carioca que serviu de modelo à de Alfredo Chaves:

Pe. Robert [D'Apprieu] e eu fomos ao museu [...]. Em seguido fomos a Copacabana. Surpresa! Entramos numa igreja. Era a capela de uma "irmãdade de N. Senhor do Bonfim". Passada à Mitra Diocesana, tornou-se paróquia. Sendo ela muito pequena, o pároco, cônego Joaquim Soares de Oliveria Alvim, projetou aumentá-la. Os trabalhos estão bem avançados. E uma verdadeira joia da arquitetura gótica, romana e bizantina. [...] Naqueles dias em que permanecemos no rio de Janeiro, Pe. Robert tomou notas que serão de utilidade para os padres do Rio Grande (D'APREMONT, 1913, p. 24).

Com dinheiro em mãos e a solução técnica para a adaptação da antiga construção ao gótico, Frei Louis acelerou as obras no segundo semestre de 1913. Algumas dúvidas estéticas, associadas a questões teológicas, persistiam:

O coro não será ele mais belo na sua simplicidade primitiva?... Para chegar nas capelas [laterais], se é obrigado a se aproximar demais do altar principal, e isso não me agrada. É verdade que há nisso um mistério. Capelas radiantes! Que magia nesta palavra! Numa igreja de Maria, não seria isso como um último refúgio preparado para os sofrimentos mais íntimos, uma última dobra do manto de nossa Mãe que se abre ao último dos pecadores? (Apud D'APPRIEU, 1923C, p. 154)

A construção do teto iniciou em 4 de dezembro. No dia 21, domingo, a igreja estava coberta, mas ainda cheia de andaimes e de restos de material de construção. Em três dias, uma multidão de trabalhadores desfez os andaimes e retirou todos os materiais. Na tarde do dia 24 foi construído um estrado e um altar provisório para a celebração de Natal. Temendo que a afluência massiva de pessoas gerasse tumulto, Frei Louis não anunciou que a missa seria celebrada na nova Igreja. Eram poucas as pessoas presentes na noite de Natal.

Assim se realizou o desejo do Pároco de que fosse uma celebração íntima.

Na manhã seguinte, toda a cidade acorreu para ver a nova igreja, livre, sem andaimes e sem materiais de construção. Frei Louis pôs-se a atender as confissões e, entre uma confissão e outra, observava as reações das pessoas ao entrar:

Os que entravam faziam cada um sua careta tão espontânea quanto significativa. Uns paravam de soco, a boca aberta; outro avançava abrindo os braços; outro caminhava de lado, sobre o costado; etc, etc... É que, de fato, o espetáculo merecia as mais diversas reações (LA VERNAZ, 1914).

Em carta a Frei Bernardin, Frei Luiz de la Vernaz descreve o seu sentimento em relação ao templo:

Ainda hoje, mais a vejo, mas a admiro... Que festa! Que Natal! Depois das inefáveis delícias da minha primeira missa, jamais festa alguma me proporcionara alegrias e consolações tão íntimas. Sentia-me feliz, feliz sem sombra e para sempre!... Igreja querida! Falava-lhe e ela me respondia... Sua alma e a minha faziam uma só alma. Cada tijolo, cada cornija, cada coluna me dizia, me repetia: "Você nos colocou aqui, quanto lhe custamos! Agora, regozije-se. Cantaremos o Deus que queria cantar. Oh! O sorriso das coisas, a linguagem da igreja!... (Apud: D'APREMONT, 1976, p. 155).

A bênção solene e inauguração oficial aconteceu no dia onze de janeiro de 1916. Do projeto original, estavam concluídas a capela-mor, as sacristias, as capelas laterais e a nave transversal. Três estátuas, importadas da Europa, foram colocadas naquele dia em seus altares: São Luiz Gonzaga, a Imaculada Conceição e São José. Segundo frei Louis,

esta parte nova tão custosamente levantada apresenta um todo harmonioso e espaçoso que favorece no último ponto à assistência à missa e o digno desenvolvimento das funções sagradas adaptando-se provisoriamente ao edifício velho que breve há de desaparecer, formaria, com as futuras três naves que levantar-se-ão no mesmo estilo, uma cruz latina de vastas proporções e de singela e elegante arquitetura gótica (PARÓQUIA São Luiz, 1896-1934, p. 43).

Em 1920, Frei Louis, contra sua vontade e a da população de Veranópolis, regressou à França. Seu sucessor à frente da Paróquia, Frei José de Bento Gonçalves, deu continuidade à construção acrescentando as atuais torres e a fachada (STAWINSKI; BUSATTA, 1979, p. 81).

As igrejas góticas da região são a memória viva de um projeto de inculcação da fé cristã que representou uma imposição cultural e eclesial e hoje, do alto de suas torres, interrogam-nos sobre os processos culturais e eclesiais que estamos vivendo.

Conclusão

Como diz Gabriel Garcia Marquez em "Vivir para contá-la", "a vida não é aquilo que a gente vive, mas aquilo que a gente lembra e como a lembra para contá-la". Olhar para as igrejas góticas da Região de Colonização Italiana e Campos de Cima da Serra é mais do que ver apenas lindas obras de artes edificadas pelos capuchinhos franceses e os colonos daquelas cidades no início do séc. XX. Elas o são, sem dúvida! E há de se resgatar sua beleza e sua grandeza por muito tempo esquecidas, quando não vandalizadas em reformas que não se preocupam em manter viva a memória do passado.

Para além da fruição estética que nos proporcionam, no entanto, elas são a memória viva de um projeto de inculcação da fé cristã que, se naquele momento, representou uma imposição cultural e eclesial, hoje, do alto de suas torres, interrogam-nos sobre os processos culturais e eclesiais que estamos vivendo. A sociedade e a Igreja que estamos construindo respeitam as identidades culturais e religiosas das pessoas que habitam nossas cidades ou apenas transplantam realidades alheias aos anseios e aspirações dos homens e mulheres que, no dia a dia, sob a luz da fé, bus-

cam encontrar caminhos de sobrevivência e o sentido da existência pessoal e coletiva?

A Igreja Católica vive hoje crise similar ou superior ao do séc. XVI. Após cinco séculos de fechamento, com o Papa Francisco e a memória viva do Vaticano II, ela busca dialogar com as realidades do presente na tensão para construir um futuro de vida para todos. É um momento de criatividade que exige inovação na renovação das estruturas sociais e eclesiais e nas expressões estéticas que movem as pessoas para o sonho. Mas é também ocasião para o ressurgimento da tentação da volta a um passado ideal que nunca

existiu. Assim como no séc. XIX com o romantismo, hoje também vive-se, na Igreja, tentativas para reviver uma nova Idade Média pós-moderna. E esse desejo se expressa sobremaneira no estético, seja ele litúrgico ou arquitetônico.

Fazer a memória de nossas igrejas neogóticas e situá-las no tempo social e eclesial em que foram construídas, ajuda-nos a manter viva a memória do passado. Isso é muito importante. Mas também nos provoca a olhar para o futuro como um desafio a ser construído com paixão e criatividade.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. A questão metodológica: a proposta do CEHILA como historiografia ecumênica. In: DREHER, Martin N. (Org.). História da Igreja em Debate: um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994. p. 81-94.

AZZI, Riolando. Método Missionário e Prática de Conversão na Colonização. In: QUEIMADA e semeadura: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 89-105.

AZZI, Riolando. Os bispos reformadores. A segunda evangelização do Brasil. Brasília: SER, 1992.

BAREA, José. A vida espiritual nas colônias italianas do Estado do Rio Grande do Sul (1925). Porto Alegre: EST, 1995.

CARPEAUX, Otto Maria. Prosa e ficção do Romantismo. In: GUINSBURG, Jacob. (Org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 1985. P. 156-165.

CELAM. Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Santo Domingo – Conclusões. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Brasília, CNBB, 1992.

CHAMBÉRY, Emmanuel de. Lettre au Ministre Provincial. Nova Trento, 27 mai 1904. Archives des Capucins/7P/Lettres des Missionnaires/P Emmanuel.

CORREIA, Maria Cristina; PEREIRA, Leandro. O Revivalismo Medieval e a Invenção do Neogótico: sobre anacronismo e obsessões. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

D'APPRIEU, Robert. Bénédiction de la première pierre de l'Église de Nova Trento – 4 déc. 1904. [s.d.]. Paris, Archives des Capucins/P5/Rescrit pour fonder le couvent au Rio Grande et Facultés.

D'APPRIEU, Robert. Journalier de la construction de l'Église de Novo-Trento. [s.d.] Archive des Capucins/Savoie/18P/Postes de Mission/Novo-Trento

D'APPRIEU, Robert. Le R. P. Louis de la Vernaz. Une âme d'apôtre et d'artiste. Le Rosier de Saint François, Chambéry, Fr. XXIIIe Année, n° 3, p. 87-93, mars 1923.

D'APREMONT, Bernardin. Journalier 31 (1913). Archive des Capucins/11A.

D'APREMONT, Bernardin. Missão dos religiosos franceses nas colônias do Rio Grande do Sul. In: D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno de. Comunidades indígenas, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976. p. 13-221.

DIAS, Pollyana D'Avila G., O século XIX e o neogótico na Arquitetura Brasileira: um estudo de caracterização. Revista Ohun, Salvador. Ano 4, n. 4, p.100-115 , dez 2008.

ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo. Celebrar a vida é viver a fé: sobre o conceito de iniciação no catolicismo pós-conciliar. Revista de Teologia e Ciências da Religião, Recife. V. 6, n. 2, julho-dezembro/2016, p. 505-522.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual*. Roma, 24 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 02 de abril de 2020.

GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os capuchinhos do Rio Grande do Sul: correspondência – 1895-1909*. Porto Alegre: EST, 2007.

GILLONNAY, Bruno de. *Vingt-cinq ans au Brésil – Alfredo Chaves. Le Rosier de Saint François, Chambéry, Fr.* XXIe Année, nº 8, p. 186-188, aout 1921F.

GILLONNAY, Bruno de. *Vingt-cinq ans au Brésil – suite. Le Rosier de Saint François, Chambéry, Fr.* XXIe Année, nº 7, p. 161-164, juillet 1921E.

GILLONNAY, Bruno de. *Vingt-cinq ans au Brésil – suite. Le Rosier de Saint François, Chambéry, XXI Année, nº 7, p. 161-164, juillet 1921C*

HOORNAERT, Eduardo. *História do cristianismo na América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.

IBGE. Capela Nossa Senhora da Conceição. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=446001&view=detalhes> Acesso em 04 de abril de 2020.

IPATRIMÔNIO. *Dois Irmãos - Igreja Matriz São Miguel*. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/dois-irmaos-igreja-matriz-de-sao-miguel/#!/map=38329&loc=-29.588593,-51.08752100000001,17> Acesso em: 04 de abril de 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. *Slavorum Apostoli. Carta Encíclica para comemorar a obra de evangelização dos santos Cirilo e Metódio no Undécimo Centenário*. Roma, 02 de junho de 1985. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_19850602_slavorum-apostoli.html Acesso em: 02 de abril de 2020.

LA VERNAZ, Louis de. *Lettre à Fr. Robert. Alfredo Chaves, 22 janvier 1914*. Archives des Capucins/8P/1911-1925/1913-1918.

LA VERNAZ, Louis de. *Lettre à fr. Robert. Caravaggio, 10 novembre 1903*. Archive des Capucins/8P/1896-1905/1903.

MAIOLINO, Cláudio Forte. *Arquitetura Religiosa Neogótica em Curitiba entre os anos de 1880 e 1930*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, p. 128.

MAZZOTTI, Fabiano. *Amém, Bento Gonçalves: igrejas e capelas desta terra. Bento Gonçalves: Fabiano Laércio Mazzotti*, 2012.

MONTSAPEY, Léon de. *Rapport au Ministre Général*. Chivasso, 2 mars 1913. MUSCAP/AD/PSCJ 18.

PARÓQUIA Nossa Senhora de Lourdes. *Livro Tombo I. Flores da Cunha, 1911-1974*.

PARÓQUIA São Luiz Gonzaga. *Livro Tombo I (1896-1934)*, p. 1-1B. Alfredo Chaves.

PEREIRA, Denise; CARRIERI, Alexandre de Pádua. *Espaços Religiosos e Espaços Turísticos: significações culturais e ambiguidades no Santuário do Caraça/MG*. Revista O&S, Salvador. V. 12, n. 34, julho/Setembro 2005, p. 31-50.

PRIMÓRDIO do Caraça. Disponível em: <https://www.santuariodocaraca.com.br/cultura/#!/primordio-do-caraca> Acesso em: 02 de abril de 2020.

SILVA, José da. *Lettera aperta ai trentini. Il colono italiano, Garibaldi, anno IV, num. 28, 21 settembre 1912*, p. 1-2.

STAWINSKI, Alberto Vitor; BUSATTA, Félix Fortunato. Luis de La Vernaz. *A Igreja em colônias italianas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1979.

VILLARDS-SUR-THONE, Théophile. *Lettre au Ministre Provincial*. Nova Trento, 8 mai 1904. Archives des Capucins/7P/Lettres des Missionnaires/Théophile

ZUGNO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre: ESTEF, 2017. ■